

LARISSA MACFARQUHAR

# A vida pelos outros

*Escolhas altruístas no limite da ética*

*Tradução*

Liliana Negrello  
e Christian Schwartz



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Larissa MacFarquhar  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Strangers Drowning: Impossible Idealism, Drastic Choices, and the Urge to Help

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Foto de capa*

Marzufello/ Shutterstock

*Preparação*

Paula Carvalho

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

MacFarquhar, Larissa

A vida pelos outros : escolhas altruístas no limite da ética /  
Larissa MacFarquhar ; tradução Liliana Negrello e Christian  
Schwartz. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Titulo original: Strangers Drowning : Impossible Idealism,  
Drastic Choices, and the Urge to Help.

ISBN 978-85-359-3062-7

1. Altruismo – Aspectos psicológicos 2. Filantropia – Psicologia 3. Humanitarismo – Aspectos psicológicos 4. Problemas éticos 5. Virtude 1. Título.

---

17-11971

CDD-170

Índice para catálogo sistemático:

1. Ética : Filosofia 170

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

*Para os meus pais*

*O que somos nós? O que é nossa vida? A nossa bondade? A nossa retidão?*

Ashamnu, a confissão curta dos judeus

# Sumário

|  |     |
|--|-----|
| <i>Introdução .....</i>  | 11  |
| Para os bons samaritanos, é sempre tempo de guerra .....   | 17  |
| Os corpos dos outros .....   | 29  |
| Os mais oprimidos de todos .....   | 63  |
| Oh dever! Sublime e grande nome, que não compreendes<br>em ti nada benquisto que comporte adulação mas<br>reivindicas submissão .....  | 86  |
| A um só tempo racional e apaixonada .....  | 97  |
| Uma habilidade accidental produzida, em sua estupidez sem<br>limites, por um processo biológico que normalmente se<br>opõe à manifestação dessa mesma habilidade: <i>O ataque<br/>aos bons samaritanos, parte um .....</i> | 133 |
| A humilhação dos outros .....  | 151 |
| O legado dos bêbados: <i>O ataque aos bons samaritanos,<br/>parte dois .....</i>   | 192 |
| Uma daquelas coisas divinas .....  | 213 |
| Rins .....   | 237 |

|   |     |
|---|-----|
| Por favor, responda quanto antes .....  | 250 |
| Os filhos dos outros .....  | 270 |
| A aspidistra é a árvore da vida: <i>O ataque aos bons samaritanos, parte três</i> ..... | 323 |
| Do ponto de vista do universo .....   | 339 |
| Algo totalmente diverso da vida .....   | 352 |
| <br>  |     |
| <i>Agradecimentos</i> .....   | 361 |
| <i>Referências bibliográficas</i> .....   | 365 |

# Introdução

Comecei a escrever este livro por me sentir incomodada com algo que não entendia: por que a maioria de nós não é mais generosa? Achava isso estranho, uma vez que, como todo mundo sabe, doar aos outros traz felicidade. Muitas vezes, o ato de doar alguma coisa nos faz mais felizes do que conservá-la sob nossa posse. Então, por que não damos mais aos outros?

A resposta mais comum é que somos humanos. Somos pouco determinados, somos egoístas, somos apegados às nossas coisas, somos ansiosos e achamos que não temos o suficiente para oferecer aos outros. Tudo isso é verdade, claro. Mas acho que não para por aí. Outro motivo é que as carências do mundo parecem não ter fim, e é angustiante perceber isso. Podemos sentir que é inútil tentar fazer algo, ou que qualquer tentativa séria demandaria grandes sacrifícios.

Mas, mesmo assim, algumas pessoas se esforçam para suprir essas incontáveis carências. A vida delas é dedicada a um projeto moral. Por quê? E como? Seriam essas pessoas diferentes de nós? Será que elas sentem as necessidades do mundo de maneira mais

intensa e imediata? Ou são seres humanos iguais a todos os outros, com a diferença de que não se deixam conduzir por convenções, pela incerteza, pela inércia e pelo otimismo que levam a maioria de nós a seguir caminhos mais comuns?

Este livro é sobre essas pessoas, os “bons samaritanos”. Chamo-os assim porque essa expressão define bem quem eles são: pessoas que tentam, mais do que qualquer coisa, fazer o bem. Mas também uso esse termo pela conotação pejorativa que adquiriu ao fazer referência a essas pessoas — como se elas não tivessem nada interessante a dizer. Ao chamar a atenção para esse desprezo, quero entender de onde esse sentimento vem, a fim de conseguir desconstruí-lo. Por que tentar fazer o bem provoca tanto desdém e tanta hostilidade? É uma das perguntas a que tento responder.

As pessoas retratadas neste livro chegam a extremos em seu comprometimento moral, mas não são loucas. Não levam uma vida fácil, mas são movidas por crenças muito fortes e um sentido muito claro. Sem dúvida, existem bons samaritanos que são meio doidos, assim como há vários outros tipos de pessoas malucas espalhadas por aí. Porém, minha intenção era escrever sobre pessoas que pensaram muito bem antes de fazer suas escolhas. As pessoas neste livro desafiam a nossa visão de mundo; os bons samaritanos doidos, não.

Optei por escrever sobre essas figuras raras e determinadas — em vez de me concentrar nos atos mais comuns de generosidade — porque as escolhas dos bons samaritanos levantam questões mais complicadas. Será que a maioria de nós deveria fazer mais pelos outros? Essa não é uma pergunta complicada. Mas, quando o comprometimento moral ultrapassa os limites considerados normais, surgem os conflitos mais difíceis, uma vez que essa moralidade passa a interferir em outras coisas que valorizamos profundamente: em tipos de beleza, de liberdade, humildade, compreensão, família e amor. Ao nos vermos diante desses conflitos, paramos para pensar sobre o que é mais importante na vida.

Um jovem e um homem mais velho — um aluno e seu professor de filosofia — almoçam juntos num restaurante tailandês em Nova Jersey.

JOVEM: Não sei muito bem o que seria do mundo se todos pensassem como eu. Na faculdade, foi proposto o seguinte dilema: quem você salvaria da morte por afogamento, sua mãe ou dois desconhecidos? Acho que eu deveria salvar os desconhecidos, mas provavelmente seria fraco demais para tomar essa decisão, porque amo minha mãe. Talvez seja bom ter essa tendência de amar nossas mães. Não sei como o mundo seria se todos decidissem salvar pessoas que não conhecem em vez da própria mãe. Quando leio livros sobre budismo, em que monges falam sobre problemas desse tipo, eles não veem essa decisão como a de alguém que se importa pouco com a mãe, mas sim de alguém que se preocupa mais com desconhecidos. E, se a pessoa se importa com estranhos e com a própria mãe na mesma medida, a questão passa a ser

numérica. Mas não de um jeito frio e calculista, e sim como uma forma de estender sua empatia para os outros.

O rosto do jovem se mantém inexpressivo. À primeira vista, ele parece estar profundamente ensimesmado — alguém que se sente pressionado por reflexões pesadas acerca do altruísmo, da racionalidade e da preciso filosófica. Mas, ao ser questionado sobre a ideia do sofrimento, ele se lembrará dos livros que falam sobre coisas terríveis pelas quais pessoas anônimas sofreram centenas de anos atrás, ou dos animais que foram caçados no mundo selvagem. Esse tipo de pensamento causará nele um horror tão grande a ponto de fazê-lo chorar. O que, a princípio, parece uma ausência de emoção, logo se torna uma necessidade de controlar um sentimento esmagador capaz de vir à tona sem aviso.

**HOMEM MAIS VELHO:** Mas isso é impossível. Se você se importar com todo mundo em igual medida, vai se importar menos com sua mãe. Você não vai conseguir se importar com todas as pessoas do mesmo jeito que se importa com seus filhos.

O professor é magro e usa barba; ele tem filhos.

**JOVEM:** Depende do que você quer dizer com se importar.

**HOMEM MAIS VELHO:** Sim, depende do que quero dizer com se importar. Mas, para que sua ideia seja plausível, ela não pode estar associada a sentimentos, tem de ser uma disposição para a ação ou algo assim. Apenas imagine que você se importa com todas as pessoas do mundo da mesma maneira que se importa com seu próprio filho. Se as mortes horríveis e dolorosas que acontecem o tempo inteiro com pessoas des-

conhecidas afetassem você do mesmo jeito que a morte horrível e dolorosa do seu filho, você ficaria completamente paralisado pela dor e pela angústia e não conseguiria continuar vivendo.

**JOVEM:** Não acho que isso seja óbvio. Suponha que um dos seus filhos tenha morrido e o outro esteja pra morrer. Você não vai ficar paralisado — vai fazer de tudo pra salvar a outra criança.

**HOMEM MAIS VELHO:** Sim. Mas sei que existem milhares de pessoas no mundo tendo mortes horríveis neste exato momento e, se eu me importasse com cada uma delas como me importo com meu próprio filho, viver seria intolerável. Os monges budistas estão errados. Acho que só entendemos os limites da empatia humana quando nos tornamos pais ou mães.

# Para os bons samaritanos, é sempre tempo de guerra

[...] o amor ativo, comparado ao contemplativo, é algo cruel e apavorante.

Fiódor Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*

Este livro é sobre um tipo de pessoa que provoca sentimentos conflitantes: o bom samaritano. Não me refiro ao bom samaritano comum, de ocasião — alguém com um trabalho respeitável, ou que é voluntário em uma instituição de caridade e volta para a sua vida normal no fim do dia. Estou falando de um tipo de pessoa que se propõe a viver a vida da forma mais ética possível. Alguém que é atraído pela própria ideia de bondade moral, que leva a si mesmo até os extremos morais, que se compromete inteiramente, além do que parece razoável. O tipo de bom samaritano que incomoda os outros.

Esse tipo de pessoa tem um senso de dever tão forte que é capaz de reprimir a maioria dos seus impulsos mais básicos para fazer o que acredita ser a coisa certa — é uma disputa que, em

geral, acaba vencendo. É alguém que raramente fica longe do trabalho e gasta pouco para sobrar mais dinheiro para doar aos outros. Tem alegrias e prazeres que, para serem aceitos, precisam seguir determinada cartilha. Por isso, esse indivíduo vive de modo um tanto rígido e restrito, e sua vida mostra como a existência cotidiana pode ser fortuita e sem sentido. As normas sob as quais vive o bom samaritano e as emoções que ele cultiva — preocupação com desconhecidos, desinteresse pela família para conseguir se importar com esses mesmos desconhecidos, indiferença aos pequenos prazeres — podem parecer elevadas demais, desumanas até, e isso acaba por distingui-lo do resto das pessoas.

Um bom samaritano fervoroso leva uma vida sublime — e o que quero dizer com isso é que, embora haja uma beleza dura nesse tipo de vida, a palavra “beleza” não capta a ambivalência provocada pela existência dessas pessoas. Um objeto belo, como uma flor ou um riacho, agrada pela sua suavidade e inspira um sentimento que é como o amor. Já um objeto sublime, como uma montanha ou um mar agitado, inspira reverênciia, mas também medo. Ao confrontá-lo, é possível ver sua formidável nobreza e, ao mesmo tempo, sentir que não poderia sobreviver ali por muito tempo. É esse sentido de sublime que pretendo aplicar aos bons samaritanos: confrontar esse tipo de vida é sentir uma mistura de reverênciia e incômodo — uma sensação de que você não conseguiria (e talvez não quisesse) sobreviver por muito tempo vivendo dessa forma.

O bom samaritano é, a um só tempo, mais e menos livre do que as outras pessoas. No sentido comum do termo, é menos livre, porque acredita que deve agir de determinada maneira e precisa cumprir sua obrigação. Mas, na acepção mais antiga, é mais livre, porque consegue controlar a si próprio, de modo que suas intenções não sejam frustradas por fraquezas que preferiria não ter. Ele sabe que, se fizer uma promessa, vai cumpri-la; que, se

uma coisa é certa, vai fazê-la; que não virará as costas se algo parecer difícil demais. Por esse motivo, sua vida é o que ele planeja que ela seja.

A forma mais comum de fazer o bem é ajudar alguém que está próximo: a pessoa cresce em um determinado lugar, percebe que algo está errado e procura fazer alguma coisa para resolver a situação. Ou então o trabalho de uma pessoa de repente exige dela um ato heróico, ao qual ela se mostra à altura — pode ser um padre cuja igreja se torna um refúgio em tempos de guerra, ou uma enfermeira trabalhando num hospital durante a eclosão de uma epidemia. De qualquer forma, esse indivíduo cuida dos outros à sua volta para tentar melhorar a vida deles — vida que ele comprehende, pois é semelhante à sua. Ainda que não conheça pessoalmente quem está ajudando, sente que tem algo em comum com seus assistidos — são, de certa forma, “sua gente”. Há uma conexão orgânica entre ele e seu trabalho.

Existe ainda outro tipo de pessoa, que parte de uma premissa mais abstrata — de um sentimento de injustiça no mundo como um todo e de um desejo por uma bondade mais plena. Esse indivíduo quer viver uma vida justa, sente-se obrigado a corrigir o que está errado e a aliviar o sofrimento dos outros, mas, por não saber ao certo como fazer isso, vai em busca de uma resposta. Ele não começa por quem está mais próximo, pois não é movido por uma sensação de pertencimento, mas pelo impulso de fazer o maior bem possível. Não há necessariamente uma conexão orgânica entre a pessoa e seu trabalho — *ela* escolhe o trabalho, e não o contrário. Os bons samaritanos de quem falo pertencem a esse segundo tipo. Eles não são melhores ou piores do que as pessoas do primeiro tipo, mas são raros e mais difíceis de compreender. Pode parecer estranho ignorar os mais chegados em nome de um sentido moral, mas para os bons samaritanos isso é bastante natural.

As pessoas do primeiro grupo não provocam o desconforto que os bons samaritanos provocam. Não raro são vistas como “heróis”, um termo bem menos ambivalente do que “bom samaritano”. (É importante dizer que estou usando a palavra “herói” no sentido moderno e coloquial — não estou falando de um herói grego, como Aquiles.) Esse tipo de herói se depara com um problema e decide ajudar. É levado a agir por compaixão pelo que vê, que é algo externo a ele. Quando não está ajudando alguém, volta para sua vida normal. Por isso, seu ato nobre não é visto com maus olhos — você só não fez o mesmo que ele porque não estava lá, não faz parte do mundo dele. Mas consegue se imaginar agindo de forma semelhante, caso estivesse no local — afinal, o herói é uma pessoa comum, como você.

O bom samaritano, por outro lado, sabe que existem crises acontecendo o tempo todo, por toda parte, e vai ao encalço delas. Ele não é espontâneo; planeja suas boas ações a sangue-frio. Pode sentir compaixão, mas não é essa a razão que o leva a fazer o que faz — ele se compromete a ajudar antes mesmo de saber quem é a pessoa que precisa da ajuda. O bom samaritano não tem uma vida normal: as boas ações são sua vida. Isso o torna uma pessoa boa, mas também pode fazer com que pareça perverso — um amigo que só o procura quando as coisas não dão certo, um advogado especializado em processos de danos morais contra grandes empresas. É também por essa razão que os bons samaritanos não são bem-vistos: todo mundo sabe, assim como eles próprios, que existe sempre alguém precisando de ajuda em algum lugar.

O termo “bom samaritano” é, portanto, quase sempre pejorativo. Pode significar uma pessoa ingênua ou inoportuna que tenta fazer o bem, mas acaba só se intrometendo. Ou ainda alguém ter-